

Os artistas dividem-se entre os que têm 1, 2, e 3 nomes.

A maior parte dos que usam só um 1 nome já morreram e foram fixados à história como marca. São os artistas que estão nas caixas de bombons e nos posters que se vendem nos museus; Giotto, Rafael, Ticiano, Rembrandt, Constable, Courbet, Manet, Monet, Columbano, Malhoa, Pissarro, Renoir, Duchamp, Picasso, Warhol, Ben, Beuys, Koons. Mas há artistas que usam só um nome (ou sigla) e estão vivos: Cargaleiro, Cutileiro, Pomar. A maioria, no entanto, desenvolve uma actividade artística neo-urbana iconográfica que requer reconhecimento na cultura pós-alternativa em espaço público; Bansky, Voïna, Gêmeos, Rigo, etc.(1) Nos artistas que usam 2 nomes temos que distinguir várias categorias: os que usam um nome próprio e o nome de família (e que constitui a maioria) como Pedro Portugal, John Ireland, Joe Vasconcelos, Orgasmo Carlos ou Ricardo Rocha; os que usam 2 nomes próprios como João José, Carlos Carlos, Nuno Tiago, etc; e os que usam 2 nomes de família como Pereira Coutinho, Bordalo Pinheiro, Ornellas e Gusmão, Leitão de Bairrada, etc.

Com o aumento quântico do número de artistas foi necessário acrescentar um terceiro nome ao nome artístico para que a distinção, hierarquização e reconhecimento se tornasse toponimicamente eficiente. Nos registos recentes há muitos artistas que recorrem à aposição de um terceiro nome (próprio ou de família) no seu ID artístico: João Pedro Vale, João Maria Gusmão, Luís Fernando Graça, Ana Neves Guerreiro, Pedro Cabrita Reis (2), José Pedro Croft, José Maçãs de Carvalho, Columbano Bordalo Pinheiro, Filipe Rocha da Silva, etc. Há ainda curiosos casos de artistas com 3 nomes próprios como João Pedro Rui. (3)

Onde esta análise pretende chegar é a verificação da existência de uma pequena zona no mundo da arte que não tem sido alvo de estudo crítico sob o ponto de vista do potentado do mundo da arte contemporânea. Estamos a falar de uma matéria de estudo que se poderia chamar "arte beta" — ou a arte que é produzida e comercializada num circuito que por vezes intersecta a complexa esfera do Artístico. Não estamos a falar de uma arte no sentido experimental, mas a arte que fazem as pessoas que socialmente são classificadas como "betas" e que são artistas. Os parâmetros são dúcteis, dúbios e refundidos e existe algum pudor social associado à designação — não são povo e têm (ou tiveram) quinta ou herdade. O que é um "artista beto"? Nenhum artista "beto" se apresenta como "artista beto" nem sequer reconhece a categoria. Não há uma guilda de "artistas betos". Um "artista beto" nunca tem só 1 nome. O primeiro pode, por vezes, ser um dimi como Cuca, Buga, Pi, Bu, Té, Pató, D, Ni ou Xá. Usa por vezes o "short" + o nome de família com 2 nomes: Xá Vila Viçosa, Xixi Espírito Santo, Û Andrada Marrocos, Aya Pinto d'Albuquerque, etc. Os 2 nomes de família contam como um só e por isso são na realidade artistas com 2 nomes.

Há aparentemente um mau estar "blasée" nestes artistas e começam a aparecer discretamente formas organizadas de pressão para que aumente a percentagem de artistas "betos" na primeira divisão da arte contemporânea. A cobertura teórica é ainda deficitária pelas mesmas razões da falta de presença na divisão A. São no fundo uma vanguarda de reserva que tem que ser unida e dobrada pelo factor que Barthes chamava a "liberdade conferida pela transformação".

Falámos com alguns artistas com 3 nomes (1 nome próprio e dois de família) que disseram desprendidamente das suas razões:

— "Porque é que a arte que genuinamente gostamos de fazer não é, nem nunca será (?), considerada arte da primeira divisão da arte contemporânea? E porque é que os artistas que passaram fome quando eram pequenos ou que tiveram de lutar pela vida têm prioridade na sedimentação histórica e museológica!? Veja, são os nossos pais e tios como administradores/gestores/donos das instituições ou parcelas do estado que pagam os artistas ditos da categoria A. Concedem-lhes a oportunidade de ascenderem à 1ª divisão dessa espécie de aristocracia que é ser Artista e "contemporâneo" e alimentam financeiramente as instituições que os inventam! Para quê? Para ver um cordel pendurado no meio de uma sala? Ou uma prateleira com livros de impostores pervertidos exportados pela desmedida arrogância cultural francesa?"

— "A Arte não é do povo é das elites. O povo vê arte e não percebe um boi. As elites também não percebem mas têm o boi. São coisas que penso... sentimentos fluidos de uma participação activa, militante, doutrinária e machista.. no bom sentido, é claro."

— "É possível através de várias batotas históricas excluir uma fatia importante da arte produzida num determinado período de tempo. OK! Eu sei que o falseamento da coisa artística tem imponderáveis estranhos..."

— "Queremos amor-arte em chill-out filosófico e felling-good e non-stop-life-enjoying... Arte sim, é preciso, mas não precisamos dela para viver, ou para ganhar o direito à vida."

— "A nova cidade não exige que os artistas sejam miseráveis ou mercenários. Os arquitectos vão deixar de adorar os "Deuses Brancos" e voltar a desenhar com brio "Konzentrationslager" como hoje desenham museus de arte contemporânea. Vai voltar a ter haver telhados para todos, um dia.."

— "Quem é esta gente que está a dirigir as grandes instituições artísticas? De onde é que eles saem? Como se chamam os pais? Esta é a nossa perplexidade e fastio. Porque pretendemos uma arte originadora de felicidade e satisfação e cumplicidade social. Uma arte que se possa mostrar à mãe sem embaraço. Arte sim mas não tanto!..."

— "A vida que vivemos não é assunto para um artista sério. A arte cria os próprios factos da arte. É a sua própria realidade. Vê a forma como o seu conteúdo e o estilo como o sentido. A arte é sempre, de alguma maneira, uma gaguez sobre a sua própria linguagem."

(1) Há alguns artistas que pela sua notoriedade poderiam usar só um nome mas que infelizmente não o podem fazer por causa das conotações ou possibilidade de "calembours" maldosos como Rego, Batarda, Caramelo, Cavaco, Carvalho, Maluda ou Orgasmo.

(2) Toda a gente sabe que o Pedro é o Pedro mas como artista é o Cabrita e "lá fora" é Cabrita Reis.

(3) De referir que as glórias internacionais da pintura portuguesa do século XX têm 3 nomes e tinham pais ricos.